

Comunidades pessoais de jovens que transgridem: ego-redes especializadas e circunscritas¹

Sara Merlini – ISCTE-IUL²

Resumo

No presente artigo apresentam-se os resultados de uma análise exploratória de ego-redes de jovens transgressores em três escolas da Área Metropolitana de Lisboa. O recurso à análise de redes sociais permitiu chegar a conclusões inéditas no estudo dos comportamentos de violência na escola. As tipologias encontradas constituem um primeiro passo e uma oportunidade para o desenvolvimento de pesquisas posteriores. A identificação dos indivíduos centrais a nível individual e grupal aponta para a importância deste tipo de análises pela possibilidade de contribuir para uma intervenção e acompanhamento dos jovens transgressores substancialmente mais informada e focalizada.

Palabras clave: Transgressão Juvenil; Comunidades pessoais; Regulação da violência na escola.

Abstract

In this article we present the results of ego-networks exploratory analysis of young offenders from three schools in the Lisbon Metropolitan Area. The use of social network analysis allowed reaching unpublished conclusions in the study of school violent behaviors. The typologies found are the first step and an opportunity for the development of further research. Tracking central persons at an individual and group level points to the importance of this type of analysis, with the possibility of contributing to a substantially more informed and focused intervention and follow-up of young offenders.

Key words: Youth transgression; Personal communities; School violence regulation.

Introdução e Justificação

As comunidades pessoais (Chua, Madej e Wellman, 2011) consistem nas redes de relações de um indivíduo, independentemente do local em que essas comunidades se situam. Estas podem ser analisadas de três formas distintas: através do bairro, com as suas fronteiras espaciais tradicionais; pelos interesses partilhados de um

¹ Este artigo resultou de uma comunicação realizada no "2º SUMMER COURSE EN ANÁLISIS DE REDES SOCIALES y 2º WORKSHOP DE INVESTIGACIÓN – Relaciones y Networks: Materializando lo invisible" na Universidad de León, Ponferrada. Os meus sinceros agradecimentos ao Dr. José Luís Molina e ao Dr. Isidro Maya Jariego pelos pertinentes *insights* que deram a este trabalho, bem como à Dr. ^a Marta Varanda, sem a qual nada disto teria sido possível!

² Contato: merlini.sara@gmail.com



conjunto de atores (como por exemplo a pertença a um clube de futebol); ou pela análise centrada num dado sujeito, grupo ou instituição e as suas conexões respetivas – as redes egocêntricas (ou ego-redes). O objetivo da análise de ego-redes é descrever e indicar as variações entre os indivíduos, na medida em que estes se inserem em estruturas sociais "locais" (Hanneman e Riddle, 2005). Nesse sentido, analisam-se os nós que partilham relações com os indivíduos e as relações entre esses nós. A estrutura social de uma comunidade é, portanto, entendida como a articulação das relações sociais que se produzem entre os indivíduos, um modelo em que as relações são vínculos entre atores que ocupam diferentes posições sociais que, por sua vez, implicam relações mútuas (Santos, 1996).

Conhecer as relações interpessoais e a estrutura social em que estas se inserem é um elemento fundamental para compreender os processos de formação e manutenção das relações comunitárias (Fischer, 1982/ 1). A ausência de apoio social é frequentemente entendida como resultado de certos fatores inerentes às redes urbanas – desconexão entre a família nuclear e o bairro, fraca interconexão, efemeridade/ transitoriedade, etc. – e, como consequência, explicativa de alguns processos sociais como o desvio e a desordem (Fischer, 1982/ 126). Neste âmbito, um dos argumentos que tem sido largamente debatido é de que a fragmentação e enfraquecimento dos laços primários é parcialmente responsável pelas mudanças nas relações comunitárias tradicionais (Bellotti, 2008/ 318). Este fundamento adquire um relevo especial quando se observa a sua relação com os comportamentos juvenis transgressores da ordem social³.

A análise do tipo, peso e intensidade dos vínculos – estabelecidos pelos jovens transgressores com outros – é particularmente importante no âmbito das explicações de tipo micro e macro normativo da transgressão juvenil⁴. Estudar a transgressão implica observar a conduta que vai além dos limites, o comportamento excessivo, que ultrapassa fronteiras – fronteiras essas que são

³ Por transgressão ou comportamento transgressivo entende-se uma infração às regras jurídica ou socialmente definidas, incluindo uma diversidade de atos classificados como leves ou graves. Nesse sentido associa-se a outros termos usados na pesquisa científica como crime, delinquência, desvio ou infração.

⁴ Tipologia adaptada de G. S. Bridges e S. A. Desmond (2000/ 662-674): a causalidade atribuída ao comportamento transgressivo pode ser de tipo normativo – quem viola as normas e porquê? – ou de tipo reativo/ construtivista – as reações sociais às transgressões das normas, a percepção e o estigma. Estes tipos distribuem-se por níveis de explicação de carácter mais macro ou mais micro analítico. Neste trabalho focamo-nos mais nas explicações de tipo normativo.

manifestamente específicas de um contexto e que variam consideravelmente ao longo do espaço e através do tempo. Como o próprio nome indica, transgredir (Etm. latim *transgredere*) significa “passar através de” (Bruce e Yearley, 2006/ 305), concretamente nas palavras de Jenks (2003/ 2):

To transgress is to go beyond the bounds or limits set by a commandment or law or convention, it is to violate or infringe. But to transgress is also more than this, it is to announce and even laudate the commandment, the law or the convention. Transgression is a deeply reflexive act of denial and affirmation.

Entre as teorias mais influentes ao nível micro normativo destacam-se as do *controlo social*, da *associação diferencial* e *aprendizagem social* e ao nível macro as teorias da *subcultura*. Ao nível micro normativo as explicações partem essencialmente da premissa de que as normas sociais são homogêneas e duradouras. Segundo os teóricos do *controlo social* não é a transgressão que precisa de ser explicada mas sim a sua ausência. Todo o indivíduo é um potencial transgressor: um indivíduo transgride se os laços que o ligam a outros membros são fracos ou se quebram, pois os obstáculos que o poderiam impedir de realizar um ato transgressivo estão excluídos. Nesta aceção, a emergência da transgressão é entendida como resultado de uma *falha* das estruturas de controlo social no estabelecimento de laços sociais fortes e intensos que impeçam o seu desenvolvimento (Hirschi e Gottfredson, 1990; Ferreira, 2000; Carrabine, et. al., 2009). Em contrapartida, as teorias da *associação diferencial* e da *aprendizagem social* consideram que a transgressão é um comportamento aprendido em interação com outros e que o processo pelo qual se aprende a transgredir não difere em nada do processo que conduz à conformidade social (conceção *culturalista* da desorganização social). Quando os processos comunicativos estabelecidos através dos relacionamentos íntimos são mais favoráveis à violação das normas, superando as definições desfavoráveis, o indivíduo converte-se num transgressor. A associação diferencial consiste assim num processo interativo de desenvolvimento de um comportamento não conforme, que varia consoante a frequência, duração, prioridade e intensidade dos atos transgressivos (Tarde, 1903; Sutherland, 1947; Matza, 1964; Akers, 1998).

Por sua vez, ao nível macro analítico, as teorias da subcultura têm como argumento principal que a não conformidade juvenil se insere num quadro de estratégias que facilitam o processo de adaptação dos jovens na construção das suas identidades sociais pelas tensões existentes entre o seu estatuto de dependência e o desejo de autonomia. Estratégias essas que são adquiridas através das relações significativas

com outros – família, amigos e indivíduos de referência – e se manifestam pela adesão a normas, expectativas e definições diferentes das socialmente dominantes (Ferreira, 2000/ 56). Estes modelos teóricos fundam-se em duas tradições de pesquisa sociológica: a análise das propriedades dos gangues e a análise do conflito cultural. No caso da primeira, o comportamento transgressivo é atribuído a uma tensão, um problema de ajustamento sofrido pelo jovem (potencial transgressor) cuja condutas são transmitidas por elementos mais velhos no seio de gangues. As explicações que derivam da segunda tradição têm como objeto uma concepção de "cultura dentro da cultura", i.e., de que existem padrões normativos opostos ou divergentes com os da cultura dominante, reconhecendo que nas sociedades complexas ocorrem contradições entre as normas de conduta de diferentes grupos, emergindo portanto diversas subculturas (Cohen, 1955; Miller, 1958; Wolfgang e Ferracuti, 1967; Fischer, 1995).

Ainda que partam de premissas e argumentos distintos, estas explicações têm em comum o facto de considerarem que a motivação para o comportamento transgressivo deriva dos laços sociais dos jovens. Nesta aceção, a observação das comunidades pessoais (ego-redes) de um conjunto de jovens na perspectiva da análise de redes sociais é particularmente relevante, por possibilitar o mapeamento e medição das propriedades emergentes dos relacionamentos juvenis (como a coesão e densidade), medidas raramente usadas nos estudos criminológicos da delinquência juvenil (Haynie, 2005). Foi nesta ótica que interessou conhecer o tipo de relações estabelecidas por um conjunto de jovens assinalados como transgressores em três escolas da Área Metropolitana de Lisboa e quais as propriedades coletivas das suas comunidades pessoais (ego-redes)⁵. Conceber uma rede social como uma comunidade pessoal implica olhar para um conjunto de relações que o indivíduo focal (ego) mantém com outros (alters), a rede que incorpora e apoia as suas identidades sociais (Hirsch, 1981) Nesse sentido, as relações das ego-redes afiguram-se como medidas comportamentais das suas identidades sociais.

Segundo Chua, Madej e Wellman (2011), com a crescente diferenciação da sociedade moderna, as comunidades pessoais não enfraqueceram, em vez disso adquiriram estruturas e processos complexos, com funções igualmente diversas e

⁵ O produto deste trabalho inscreveu-se num projeto de escala mais ampla – cofinanciado pelo Programa Operacional de Assistência Técnica do Fundo Social Europeu (POAT/FSE) – cujo enfoque foi avaliar o contributo das políticas de segurança escolar na inclusão e igualdade educativa e social em contextos escolares marcados pela diversidade e complexidade social e cultural.

especializadas. As comunidades pessoais tendem a especializar-se, com os seus diversos membros a proporcionar diversos tipos de apoio social frequentemente de modo recíproco. As redes podem apoiar igualmente o indivíduo focal em situações de mudança, reforçando as oportunidades de vida – como por exemplo através de aconselhamento sobre assuntos importantes, diversificação do conhecimento, acesso a um emprego, etc. (Chua, Madej e Wellman, 2011). Para Hirsch (1981) o apoio social pode ser dado de modo explícito/ implícito ou indireto. O primeiro remete para o reforço ou reconhecimento verbal explícito. Mas é mais provável que as redes providenciem apoio identitário frequentemente de modo mais subtil, mediante interações implícitas. Estas podem ocorrer através de dois tipos: as interações rotineiras ou quotidianas e as ajudas específicas (como dar orientação cognitiva ou ajuda tangível referente a alguma tarefa). Neste sentido, as interações fornecem reconhecimento e apoio para identidades valorizadas, ou seja, uma interação na rede pode fornecer apoio a uma identidade particular na medida em que o outro (*alter*) se encontra numa posição significativa para providenciar tal reconhecimento. Em complemento, as interações na rede podem garantir apoio identitário de forma indireta através do seu impacto nos esforços para a resolução de problemas ou em manter um equilíbrio emocional adaptativo em situações de *stress*. As redes que facilitam a resolução bem-sucedida de um problema conduzem, portanto, indiretamente ao reconhecimento identitário. Tendo em conta estas distinções, a análise dos apoios sociais presente neste estudo remeteu para uma perceção subjetiva desse reconhecimento pelo indivíduo focal. Este artigo centra-se fundamentalmente num primeiro diagnóstico, de carácter exploratório, dos padrões relacionais de jovens transgressores, que permitiu entre outros aspetos aprofundar quem são os elementos centrais a quem estes recorrem.

Metodologia

Efetivamente, a análise das ego-redes teve como objetivo conhecer, através de entrevistas semiestruturadas, as práticas de violência de um conjunto de jovens, considerando as relações mantidas a nível informal, familiar e institucional. A operacionalização da amostra teve uma dupla abordagem. Primeiro realizou-se a análise estatística dos dados de ocorrências monitorizados internamente pelas

escolas nos respetivos Gabinetes de mediação disciplinar⁶. Entre 2008 e 2011, as três escolas de 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico incluídas no estudo apresentaram uma redução significativa dos seus níveis de violência:

		Escola A	Escola B	Escola C
Ocorrências participadas*	2008/2009	24	88	68
	2010/2011	22	18	13
N.º de Ocorrências por 100 alunos*	2008/2009	3,14	8,99	5,90
	2010/2011	2,80	1,95	1,19
% de Alunos estrangeiros em 2010/2011		22,4**	16,6***	14,9**
% Alunos com apoio da Ação Social Escolar (ASE)⁷ em 2010/2011		61,8**	86,0***	54,8**
% Alunos idade superior à esperada em 2010/2011**		47,6	35,0	45,7
% Alunos NEE em 2010/2011**		5,5	3,7	4,8

Tabela 1. Ocorrências e dados socioeducativos dos alunos nas escolas nos anos letivos 2008/2009 e 2010/2011⁸.

Neste âmbito, importa destacar resumidamente que as três escolas se situam em contexto urbano e estão sediadas no mesmo concelho⁹, contudo o seu enquadramento territorial apresenta diferenças, especialmente no interior de cada localidade. A *escola A* é a única escola com estes ciclos de ensino no território educativo. Por essa razão, o termo comparativo usado foram as restantes escolas do concelho, verificando-se que a *escola A* se caracteriza por elevadas proporções de alunos estrangeiros, com escalão A de ASE e de alunos com idade superior à

⁶ Estruturas internas de resposta aos conflitos emergentes nas escolas. Os gabinetes integram equipas com funções e responsabilidades de mediação, acompanhamento, aplicação de medidas disciplinares e monitorização das ocorrências.

⁷ A Ação Social Escolar (ASE) é um conjunto de medidas que garantem igualdade de oportunidades de acesso e sucesso escolares a alunos inseridos em agregados familiares cuja situação económica determina a necessidade de comparticipações financeiras. A ASE divide-se em dois escalões, de acordo com a situação fiscal das famílias, recebendo uma maior comparticipação os alunos que se detêm o escalão A. Na tabela n.º 1 estão contabilizados todos os alunos que receberam ASE (escalão A e B) no ano letivo de 2010/2011.

⁸ Fontes: * Observatório de Segurança Escolar/Ministério da Educação; ** Escolas (2010/2011); *** Câmara Municipal (2010/2011)

⁹ Unidade de divisão territorial e de divisão administrativa de Portugal, composta pela população de um território claramente delimitado, geralmente denota uma cidade, vila ou aldeia. Neste estudo, os concelhos apontados pelos egos circunscreveram-se sobretudo às cidades pertencentes à Área Metropolitana de Lisboa, que integram por sua vez diversas freguesias ou localidades.

esperada para o respetivo ano de escolaridade. Por sua vez, no território educativo da *escola B*, verificaram-se fortes contrastes entre as três escolas existentes de 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, nomeadamente nos níveis de violência registada, na proporção de alunos com escalão A de Ação Social Escolar (ASE), na proporção de alunos estrangeiros e de alunos com idade superior à esperada para o respetivo ano de escolaridade. Já no caso do território educativo da *escola C*, constatou-se uma homogeneidade relativa entre as duas escolas que o integram, sobretudo ao nível da proporção de alunos estrangeiros e de alunos com escalão A de ASE. Em segundo lugar, tendo por base estas particularidades dos territórios educativos, fez-se o levantamento de informação sobre alunos de turmas selecionadas (percurso escolar, procedimentos disciplinares), conjugando-se a análise documental com a informação recolhida em reuniões com os Diretores de Turma das respetivas turmas. O tratamento dos dados dos gabinetes garantiu, por um lado, a sistematização das situações de violência vividas pelas escolas (tipo de ocorrências, anos de escolaridade, medidas aplicadas, etc.) e, por outro, uma seleção criteriosa dos alunos a inquirir que permitisse a comparabilidade.

De um total de 31 alunos identificados com comportamentos transgressores de forma recorrente, escolheram-se 5 jovens em cada escola para solicitar a autorização de entrevista aos encarregados de educação, tendo como intermediários os Diretores de Turma respetivos. Na escola *A* os 5 jovens foram autorizados e na escola *B* 4 em 5 foram autorizados. Na escola *C*, apenas 3 em 5 foram autorizados e devido ao tempo de demora nas autorizações foram solicitados mais 7 pedidos, tendo sido autorizados mais 6 jovens, resultando num total de 9 alunos entrevistados nesta escola. Realizaram-se ao todo 18 entrevistas, recolhendo-se comunidades pessoais de primeiro nível para estes indivíduos focais. Os critérios de seleção foram: a pertença ao ensino regular, à mesma turma, presença de alunos de sexos diferentes e não frequentarem anos de iniciação e finalização de ciclo (5º e 9º ano)¹⁰. Por sua vez, a classificação dos alunos entrevistados teve por base a avaliação dos comportamentos recolhida junto da escola e dos respetivos Diretores de Turma, sendo possível agrupar os alunos segundo três tendências comportamentais associadas às condutas violentas: a) *Perturbações emocionais e do comportamento* – alunos com acompanhamento psiquiátrico ou psicológico, devido a perturbações identificadas (pela escola ou

¹⁰ Segundo o ISCED (*International Standard Classification of Education*, 2011) corresponde aos anos escolares de início e fim do nível 2 ou *lower secondary*.

familiares; n=5)¹¹; b) *Indisciplina e resistência à autoridade* – subdividida em alunos com tendência para comportamentos marcados por situações de desrespeito para com os colegas e/ou regras escolares (n=4) ou para com os adultos da escola (n=5); c) *Agressividade e conflitualidade* – alunos assinalados por atitudes e práticas agressivas e conflituosas como a ameaça e a ofensa à integridade física (n=4). Os casos identificados com ocorrências de indisciplina reiterada, quer contra os adultos da escola, quer contra as regras escolas e/ou contra os colegas, foram os mais frequentes.

Em termos da recolha dos dados matriciais ou relacionais, o gerador de nomes utilizado no guião de entrevistas baseou-se num conjunto de questões sobre o tipo de apoios recebidos pelo indivíduo focal. Foram considerados cinco tipos de apoios sociais recebidos pelos egos: 1) *Companhia* – pessoas com quem desenvolve atividades no tempo livre – 2) *Instrumental* – pessoas que ajudam nos estudos ou que emprestam dinheiro (de modo provisório ou permanente) – 3) *Informativo* – pessoas que aconselham na tomada de decisão de um assunto importante – 4) *Emocional* – pessoas com quem fala sobre assuntos que o preocupam, questões íntimas ou com as quais o ego se identifica – e 5) *Negativo* – que inclui tanto pessoas com quem tem discussões ou aborrecimentos frequentes, como aquelas que trazem preocupação¹². Ainda que esta técnica apenas devolva o número de contactos que o ego tem em casos de necessidade¹³, considera-se que a variedade de apoios incluída permitiu superar essa questão. Por um lado porque na faixa etária dos jovens entrevistados (10 a 15 anos) estes ainda estão totalmente

¹¹ O conceito de perturbação do comportamento (ou *conduct disorder*) é proveniente de uma grelha de análise psicopatológica. Segundo Negreiros (2001/ 12) esta expressão é usada para *caracterizar um tipo de comportamento antissocial que é clinicamente significativo (Kazdin, 1987) no sentido em que se situa além dos limites do que clinicamente pode ser considerado como normal. É, portanto, uma definição psiquiátrica que entende que certas modalidades ou padrões de comportamento antissocial traduzem uma disfunção clínica. A perturbação do comportamento aplica-se sobretudo quando se verifica um padrão persistente de comportamentos que interferem negativamente em diversos domínios da vida do indivíduo.*

¹² Esta última questão foi interpretada pelos jovens de duas formas distintas, alguns entenderam a preocupação como uma “fonte de problemas” enquanto outros como “preocupação pelo bem-estar”. Independentemente das variações interpretativas, manteve-se a *preocupação* como laço negativo por se considerar que esta é suscetível de criar situações de ansiedade.

¹³ Para cada *alter* nomeado foram questionados os seguintes atributos: tipo de relação estabelecida, sexo, idade e local de residência. A designação do tipo de relação correspondeu aos papéis desempenhados pelos *alters* em função do ego, que se classificou *a posteriori* em quatro tipos: familiares, amigos /colegas, professores e vizinhos.

dependentes dos adultos responsáveis por eles. E, por outro, porque tanto a *companhia* como a divergência ou preocupação (*laços negativos*) são apoios sociais abrangentes e presentes nos diversos quotidianos individuais.

Com a realização de uma análise de redes sociais, procurou-se introduzir inovação face às pesquisas neste tipo de estudos, no contexto português. A recolha de dados relacionais permitiu conhecer melhor os padrões das relações estabelecidas por estes jovens, cujas redes são pouco exploradas. Além disso, a conjugação destes dados com a informação recolhida através de inquirições mais tradicionais da pesquisa, como a análise documental e a análise de dados, conduziu a um aprofundamento das explicações encontradas sobre as práticas e perceções de violência e o apoio social dos jovens.

Resultados

A apresentação dos resultados organiza-se em torno de três dimensões principais em que se procurou conhecer melhor os padrões relacionais destes jovens, bem como perceber as diferenças entre os tipos de comportamentos (identificados previamente) quanto à: 1) forma; 2) qualidade das relações; 3) coesão e centralidade. Seguindo esta linha, olhou-se em primeiro lugar para os alicerces de cada ego-rede recolhida, comparando o seu tamanho, forma e distribuição dos *alters* pela estrutura relacional.

Ego-redes quanto à forma

Uma das primeiras hipóteses colocadas foi a de que o tamanho das redes estaria associado ao perfil ou tipo de comportamento que o jovem apresentava. O facto de a dimensão das comunidades pessoais dos entrevistados variar entre 6 e 26 indivíduos nomeados, significa que esta amostra incluiu quadros de interação bastante diferenciados tanto no grau (n.º de ligações diretas) como na forma. Tendo em conta esta amplitude, agruparam-se as redes por dimensão: *reduzida* (≤ 10 membros, ≤ 30 laços), *intermédia* (11-15 membros, 31 a 69 laços) e *elevada* (≥ 16 membros, ≥ 70 laços). Como se pode verificar na tabela resumo apresentada abaixo, o número de casos em cada tipo de rede tende a crescer, com 4 reduzidas, 6 intermédias e 8 elevadas. Assim, apesar de haver uma rede com 6 membros, a maioria dos jovens entrevistados têm redes com 11 ou mais membros:

Escola	Comportamento transgressor do ego	Ego-Rede	N.º de Ligações diretas (Grau)*	Laços	Dimensão da rede	Forma da rede
A	Perturbações emocionais e do comportamento	E1	15	51	intermédia	Broker
	Indisciplina (adultos da escola)	E2	13	66	intermédia	Broker
	Agressividade	E3	14	52	intermédia	Broker
	Indisciplina (colegas/ regras escolares)	E4	19	87	elevada	Broker
	Indisciplina (adultos da escola)	E5	19	129	elevada	Interdependente
B	Indisciplina (colegas/ regras escolares)	E6	23	125	elevada	3 conjuntos
	Perturbações emocionais e do comportamento	E7	24	255	elevada	Interdependente
	Indisciplina (colegas/ regras escolares)	E8	17	124	elevada	Interdependente
C	Indisciplina (adultos da escola)	E9	15	55	intermédia	3 conjuntos
	Indisciplina (adultos da escola)	E10	15	62	intermédia	3 conjuntos
	Agressividade	E11	24	212	elevada	Interdependente
	Agressividade	E12	17	97	elevada	3 conjuntos
B	Agressividade	E13	6	12	reduzida	Pentágono
	Perturbações emocionais e do comportamento	E14	10	26	reduzida	Broker
	Indisciplina (adultos da escola)	E15	9	27	reduzida	Pentágono
	Perturbações emocionais e do comportamento	E16	11	37	intermédia	3 conjuntos
	Indisciplina (colegas/ regras escolares)	E17	9	29	reduzida	Interdependente
	Perturbações emocionais e do comportamento	E18	26	201	elevada	Broker

* Os indivíduos focais ou egos estão incluídos na rede.

Tabela 2. Dimensão e forma das ego-redes.

A análise da configuração das interações estabelecidas entre o ego e os seus *alters*, permitiu encontrar quatro formas diferentes de redes: pentágono – o indivíduo focal é o ator central na relação com os *alters*, cuja centralidade é, por sua vez, baixa; broker – o indivíduo focal une dois conjuntos relativamente isolados; 3 conjuntos – o indivíduo focal está conectado a três conjuntos relativamente distintos; interdependente – as relações mantidas entre o ego e os *alters* estão interrelacionadas e não se distinguem conjuntos autónomos. Com uma frequência mais baixa e sobretudo associada a uma dimensão reduzida, as redes em forma de pentágono apresentaram a seguinte configuração¹⁴:

¹⁴ Legenda dos grafos: Linha escura – Relações fortes ("conhecem-se bem"); Linha Clara – Relações Fracas ("conhecem-se"). Tipo de Relação: Triângulo – Família; Bola – Amigo/a; Quadrado com bola – Colega da escola; Losango – Professor/a; Triângulo invertido – Vizinho/a.

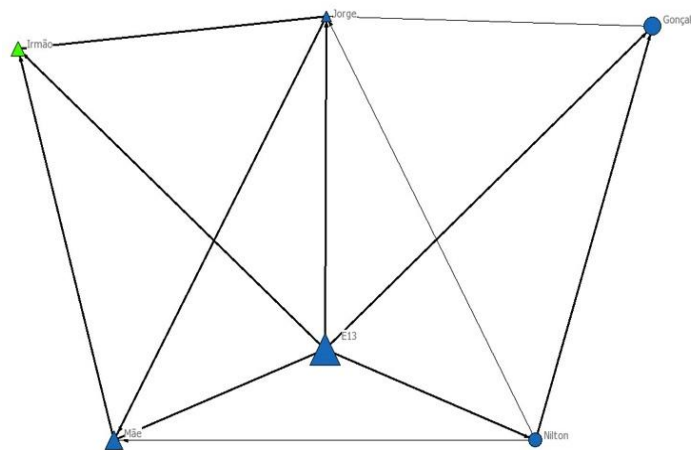


Figura 1. Exemplo de rede pentágono (E13).

Não estando tão associada à dimensão das comunidades pessoais dos jovens, as redes com a forma broker apresentam tipicamente uma configuração que coloca o ego entre dois conjuntos específicos, relativamente isolados. Estes conjuntos distinguem-se frequentemente pelo tipo de relação mantida com o ego. No caso que se ilustra abaixo, constata-se uma divisão clara entre o círculo familiar e o círculo de amigos do jovem (E4), conjuntos que estão praticamente ligados só pelo ego:

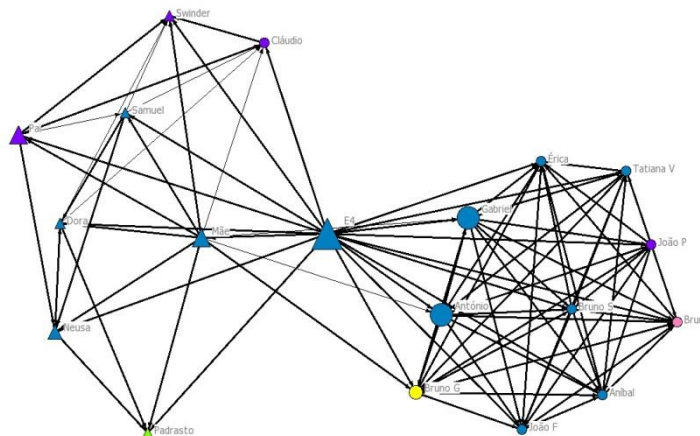


Figura 2. Exemplo de rede broker (E4).

As redes dos jovens com a forma 3 conjuntos têm uma dimensão intermédia ou elevada. Esta configuração destaca-se por ter o ego associado a três conjuntos que se distinguem relativamente pelos tipos de relação que mantêm com este. No caso ilustrado abaixo o jovem está conectado a um grupo com amigos/ colegas da

escola, um que inclui familiares e amigos e um outro grupo com três amigos, havendo poucas ligações (sobretudo fracas) entre os membros de cada conjunto:

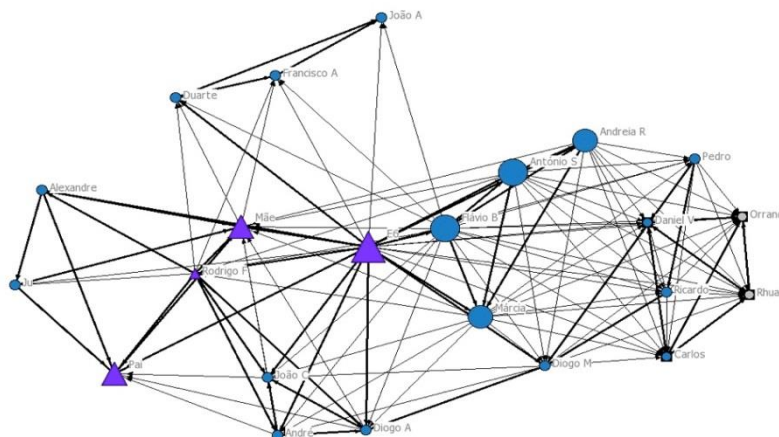


Figura 3. Exemplo de rede 3 conjuntos (E6).

Por último as redes com uma configuração interdependente apresentam conexões muito interrelacionadas entre os indivíduos integrantes da rede. Exceptuando um dos casos, a maioria destas comunidades pessoais tem uma dimensão elevada, como se pode constatar no exemplo abaixo:

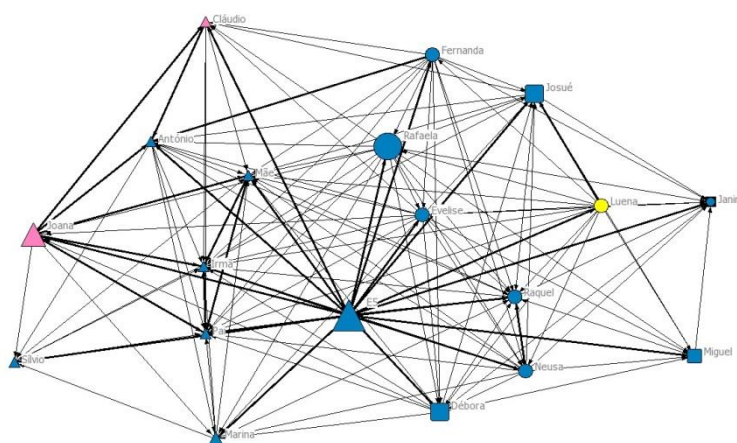


Figura 4. Exemplo de rede interdependente (E5).

Embora as diferentes formas encontradas tragam algumas pistas sobre os padrões relacionais apresentados pelos jovens, porém, não se associam tanto aos comportamentos transgressivos identificados como à dimensão da rede. Não

obstante, verificou-se uma tendência para os jovens com perturbações emocionais e do comportamento apresentarem comunidades pessoais de tipo *broker*. Tanto estas redes como as de 3 conjuntos revelam situações em que o ego liga indivíduos que estão conectados entre si, mas que sem a presença do ego não teriam ligação a outros membros da rede. Este tipo de situações é designado por "buraco estrutural" (Burt, 1992) e sublinha a ausência de laços entre *alters*, em que o ego assume o papel de *broker*. Esta ausência de ligações entre *alters* pode, por sua vez, favorecer o ego em diversos aspetos, por exemplo por lhe trazer maior autonomia, controlo e informação mais variada.

Face aos dados encontrados, optou-se por analisar os buracos estruturais dos egos tendo em conta o *tamanho efetivo* da rede – a dimensão da rede sem laços redundantes¹⁵ – e o *constrangimento* do ego – qual o peso das conexões do ego para os *alters* que estão ligados entre si (se os parceiros potenciais do ego também têm ligações entre si, o ego estará muito constrangido¹⁶). Atendendo aos laços não redundantes, houve três casos em que a dimensão da rede ficou especialmente diminuída se se removerem os laços entre os seus *alters*. O facto de corresponderem todos a redes de dimensão reduzida poderá significar que estes jovens estão consideravelmente constrangidos pois sem as ligações entre os seus contactos, restam-lhes poucos laços diretos. Mais representadas, encontram-se as redes cujo tamanho efetivo varia entre 6 a 9 contactos, havendo consequentemente menor constrangimento para os jovens nestas situações (n=11). Já os casos em que o tamanho efetivo das redes se encontra entre 10 a 16 contactos, ainda que menos frequentes (n=4), associam-se por um lado à elevada dimensão de partida da rede. O facto de terem mais contactos possibilita aos egos uma maior diversidade de laços, traduzindo-se num menor constrangimento. Por outro lado, isso significa que os jovens nestas situações não dependem tanto de ligações específicas para ter acesso a informação, tendo mais autonomia e controlo sobre as suas ações. Com efeito, constata-se que os jovens do estudo se

¹⁵ O número de *alters* que ego tem menos o número médio de laços que cada *alter* tem com outros *alters*.

¹⁶ Hipoteticamente, se um dos amigos do ego se relaciona com o seu pai e irmão – por exemplo para irem jogar à bola todos os sábados – o ego poderá ter mais dificuldades em distanciar-se dele.

encontram mais constrangidos quando o tamanho efetivo das suas redes é inferior a 10, com o índice a variar entre 0,4 e 0,6¹⁷.

Estes dados são particularmente relevantes, uma vez que permitem avaliar em que medida a maior autonomia do jovem se traduz numa retração ou reincidência do comportamento transgressivo. Nesse sentido, o peso das relações significativas com outros, especialmente nos casos de maior constrangimento, poderá contribuir ou para a atenuação ou para o agravamento desses comportamentos. Para dar resposta a estas questões e tendo em conta as variações existentes na estrutura das redes, procurou-se analisar como se diferenciam os jovens relativamente à composição e qualidade das suas relações.

Ego-redes quanto à qualidade das relações

Saber quem são e que tipo de apoios os *alters* dão aos jovens transgressores, bem como a heterogeneidade das relações que estabelecem foram outros aspetos considerados relevantes na análise efetuada. A composição e qualidade das relações mantidas são pertinentes, por um lado, porque permitem caracterizar melhor as configurações em que estes jovens se encontram e, por outro, por possibilitarem a identificação dos elementos com maior capacidade de influenciar (ou dos quais dependem mais) os jovens. Os dados recolhidos revelam que os indivíduos focais apresentam relações frequentemente mais heterogéneas¹⁸, com os valores a variar entre 0,8 e 0,9 em nove casos. Número que decresce à medida que as relações com o ego são menos diversificadas, havendo seis ego-redes com uma heterogeneidade relativa (entre 0,6 e 0,7) e três com níveis de homogeneidade relacional elevados (correlações entre 0,4 e 0,5). Sendo o tipo de relação mais representado, agrupou-se a proporção de familiares e amigos contidos nas redes em dois grupos distintos: os jovens com maior proporção de familiares do que amigos e os que nomearam mais amigos que familiares. Com esta análise procurou-se perceber se havia diferenças entre os grupos relativamente aos

¹⁷ O índice de constrangimento varia entre o menor constrangimento (0) e o maior constrangimento (1) do ego face aos seus *alters*.

¹⁸ No índice de heterogeneidade das relações presentes nas ego-redes, os valores mais próximos de 0 significam maior homogeneidade – redes em que os indivíduos focais têm apenas um ou dois tipos de relação – e os valores mais próximos de 1 traduzem-se por uma maior heterogeneidade nas relações – relações mais diversas, mantidas com professores, amigos, familiares e vizinhos.

comportamentos identificados e outros atributos recolhidos como a idade dos jovens.

Com efeito, embora houvesse uma distribuição relativa na amostra recolhida, verificou-se alguma preponderância para os jovens terem mais relações amistosas do que familiares nas suas comunidades pessoais (10 face a 8 casos), especialmente no caso dos jovens com comportamentos reincidentes de desrespeito para com os colegas e/ou regras escolares (com valores acima dos 60%). Por sua vez, ao nível etário, verificou-se que o grupo que contém maior proporção de familiares do que amigos tem 12 ou 13 anos. Enquanto os indivíduos focais cujas comunidades têm mais amigos do que familiares apresentam um leque mais abrangente de idades, compreendidas entre os 10 e os 15 anos. No entanto, apesar destas tendências, não se verificou uma associação clara entre a fase etária e a proporção de familiares ou amigos contidos nas comunidades pessoais dos jovens. Uma explicação encontrada foi o facto de, na esteira de Chua, Madej e Wellman (2011), as relações de parentesco e amizade tenderem a ser complementares, na medida em que integram diferentes sistemas de atividade, caracterizados por uma certa singularidade de propriedades estruturais, processos de troca e recursos.

Na sequência destes resultados, procurou-se analisar a idade das comunidades pessoais em estudo tendo em conta o valor etário médio de cada ego-rede (incluindo o ego) e o desvio padrão dessas idades face à média. No que diz respeito à média de idades dos diversos membros das redes, constata-se que são comunidades pessoais muito jovens (variando entre 11 e 31 anos), o que seria expectável tendo em conta a idade dos inquiridos. Os valores médios podem ser organizados em três grupos de idades. Um primeiro a variar entre 11 e 15 anos (n=4), um segundo, maioritário, com valores etários médios entre 16 e 20 anos (n=10) e um terceiro que oscila entre 21 a 31 anos (n=4). As idades mais elevadas neste último grupo devem-se à presença de avós ou familiares mais velhos nas redes dos jovens¹⁹ aumentando substantivamente os valores médios das respetivas comunidades pessoais. Comparativamente aos restantes, a maior parte dos jovens com perturbações de comportamento tende a relacionar-se com pessoas mais velhas (média de 24 anos; E1, E14, E16 e E18), como se pode verificar na tabela abaixo:

¹⁹ Como se poderá ver mais adiante, estes são muitas vezes os seus tutores ou representam elementos que lhes dão um grande número de apoios.

Ego-Rede (idade)	Idade	
	Média	Desvio-Padrão
E1 (11)	20,4	18,4
E2 (12)	15,8	7,8
E3 (11)	17,8	10,4
E4 (12)	15,7	11,0
E5 (12)	18,8	10,9
E6 (11)	16,4	11,0
E7 (13)	15,3	9,8
E8 (13)	18,2	9,7
E9 (13)	10,7	9,2
E10 (12)	17,5	11,2
E11 (10)	12,3	9,2
E12 (10)	11,6	11,3
E13 (13)	21,2	12,0
E14 (12)	25,9	18,6
E15 (12)	17,1	22,8
E16 (12)	19,7	11,6
E17 (15)	24,1	20,9
E18 (13)	30,7	19,3

Tabela 3. Idade média dos contactos das ego-redes.

Contudo, a média de idades presente nas redes em estudo não corresponde a uma medida de grande fiabilidade, uma vez que os desvios são igualmente elevados (variando entre 8 e 23 anos). Nesse sentido, podem-se distinguir também três grupos: um com desvios substancialmente elevados, entre 18 a 23 anos no desvio padrão (n=5), um segundo com os desvios a variar entre 11 e 12 anos (n=7) e um último com 8 a 10 anos de desvio padrão face à média (n=6). Assim, apesar de pouco substantivos, os dados etários confirmam a hipótese de que estas comunidades pessoais são jovens, em consonância com as idades dos alunos da amostra.

O local de residência dos indivíduos incluídos nas redes pessoais também não revelou muitas diferenças. Uma larga maioria dos jovens (15 em 18) relaciona-se com pessoas da mesma localidade de proveniência. Quanto às três exceções, num dos casos (E7) as relações estabelecem-se dentro do mesmo concelho e em dois casos (E4 e E18) os egos relacionam-se também com *alters* provenientes de outros concelhos circundantes ao seu. Estas tendências apontam para uma baixa mobilidade dos jovens, cujos relacionamentos se circunscrevem sobretudo à localidade onde residem, onde vão à escola e desenvolvem as suas atividades quotidianas. Só três dos jovens da amostra (cerca de 17%) apresenta maior potencialidade de circular por locais fora das suas áreas de residência e, desses,

apenas dois se relacionam com pessoas exteriores ao concelho de origem. Nestes casos, a presença de membros a residir noutras localidades ou concelhos circundantes, deve-se sobretudo à relação com familiares (família alargada ou nuclear) ou à realização de atividades específicas (desporto, apoio nos estudos, etc.) como se pode ver no exemplo abaixo²⁰:

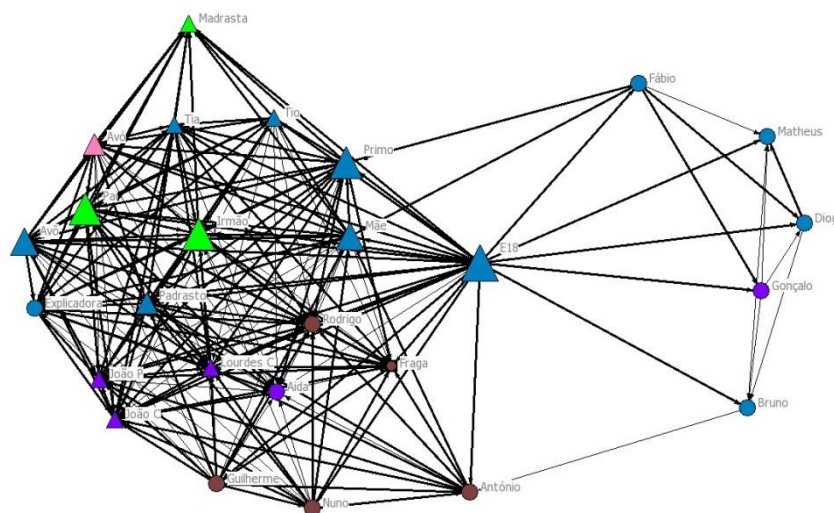


Figura 5. Variedade de proveniências numa ego-rede (E18).

No caso ilustrado, ainda que se verifique maior preponderância para os *alters* residirem na mesma localidade do ego, há maior diversidade de origens. Embora a dispersão geográfica não norteie as relações mantidas no interior desta comunidade pessoal em concreto, é possível constatar que se trata de uma comunidade mais ou menos *glocalizada* – no sentido em que as suas relações são extensivamente globais e intensivamente locais (Chua, Madej e Wellman, 2011, p.108). As distâncias mais curtas permanecem, no entanto, vantajosas na medida em que facilitam as interações face a face e as trocas de bens e serviços. O facto de ser uma amostra de jovens que se relacionam maioritariamente com aqueles que residem próximos a si simplifica a análise dos apoios sociais. Neste âmbito, constatou-se que a frequência dos tipos de apoios recebidos pelos jovens teve a seguinte distribuição:

²⁰ Os locais de residência do ego e respetivos *alters* estão representados por cores. Azul – local de residência do ego. Roxo – concelho de residência do ego (outras localidades). Castanho e Rosa – concelhos circundantes à área de residência do ego. Verde – residência no estrangeiro.

	Companhia	Instrumental	Informativo	Emocional	Negativo	Total
Total	208	116	60	64	101	549
% do Total	38,0	21,1	10,9	11,7	18,4	100,0

Tabela 4. Frequência dos tipos de apoios recebidos pelos egos.

Metade da amostra recebe entre 20 a 30 apoios dos seus *alters*, seis casos recebem mais de 35 apoios e apenas três recebem menos de 18 apoios. Estes dados apontam para comunidades pessoais relativamente integradas, com um fluxo de recursos tendencialmente elevado. A Companhia é apoio mais recebido, representando cerca de 38% dos apoios no total. Em segundo lugar surge o apoio instrumental, dado por aproximadamente 21% dos contactos dos egos. Em consonância com a pesquisa (Chua, Madej e Wellman, 2011; Fischer, 1982), estes dois tipos de apoio social são os mais comuns, perfazendo 59% do conjunto global de apoios recebidos. Os restantes apoios são dados de modo mais restrito, com o negativo a representar cerca de 18% dos apoios; o emocional 12% e o informativo 11%. Neste sentido, os padrões encontrados apontam para uma certa superficialidade dos apoios recebidos pelos jovens entrevistados, com os apoios mais substantivos (negativo, emocional e informativo) a cingirem-se a um grupo mais reduzido de contactos. Colocando-se a hipótese de existir um maior fechamento afetivo por parte destes jovens com comportamentos transgressores, pode-se ainda considerar que este tipo de laços se restringe a ligações mais fortes ou coesas nas suas comunidades pessoais, com uma frequência claramente mais reduzida. Com efeito, em relação à distinção do tipo de apoios por comportamentos destacam-se duas tendências. Os jovens identificados por atitudes repetidas de indisciplina com adultos da escola recebem menos apoios do que os restantes, especialmente no que se refere aos laços negativos. Aqueles que apresentam perturbações de comportamento são os que recebem mais apoios, o que pode ser em parte explicado pelo maior acompanhamento técnico que estes jovens têm e que se traduz em maiores capacidades de ajustamento das suas condutas.

Por sua vez, a análise da quantidade de apoios recebida pelos egos trouxe outras pistas no estudo destas comunidades pessoais. A frequência do tipo de apoios dados ao ego decresce à medida que estes se diversificam, com quase metade dos *alters* a dar apenas 1 tipo de apoio ao respetivo ego, estabelecendo frequentemente uma relação *uniplexa*, como se pode ver em seguida:

	1	2	3	4	5	Total	Média de apoios
Total	119	74	34	22	20	269	2,0
% do Total	44,2	27,9	12,3	8,2	7,4	100,0	-

Tabela 5. Número de apoios recebidos pelos egos.

Num contexto em que a maior parte dos jovens recebe apenas um apoio, aqueles que apresentam comportamentos de indisciplina reiterada (em geral) tendem a receber com maior frequência um apoio dos membros das suas redes. Quando é dado um apoio, as relações de companhia são as mais frequentes (n=79), seguidas pelos apoios: instrumental e negativo, com 19 e 18 casos respetivamente. Além disso, foram contabilizadas as diversas conjugações possíveis entre tipos de apoio, tendo em conta se o *alter* fornecia dois, três ou quatro tipos de apoio ao ego. Do conjunto total de dois tipos de apoio dados os mais frequentes são "Companhia e Instrumental" (n=30), seguido de "Companhia e Negativo" (n=28). Quando o *alter* dá 3 tipos de apoio estes são mais vezes "Companhia, Instrumental e Negativo" (n=9)²¹ ou "Companhia, Instrumental e Emocional" (n=8). Com um peso ainda mais reduzido verificam-se *alters* a dar 4 tipos de apoio ao ego, especialmente "Companhia, Instrumental, Emocional e Negativo" (n=7), seguido de "Companhia, Informativo, Emocional e Negativo" (n=6).

Constata-se, portanto, que estas ego-redes se caracterizam sobretudo por serem comunidades pessoais especializadas, cujos membros se relacionam de forma tendencialmente *uniplexa*, coexistindo com um grupo mais reduzido que proporciona diversos tipos de apoio social (relações *multiplexas* ou *multiencadeadas*). Para compreender a centralidade destes elementos, bem como a complexidade das relações existentes nestas comunidades foram ainda aplicadas outras medidas de análise de redes.

Ego-redes quanto à coesão e centralidade

Com esta última dimensão procurou-se avaliar a coesão e emergência de subgrupos nas ego-redes, bem como a proximidade, intermediação e grau de centralidade dos elementos constituintes destas comunidades pessoais, procurando

²¹ Uma conjugação dos padrões encontrados em 2 tipos de apoio.

saber quem são as pessoas centrais para os egos e a sua relação, ou não, com os apoios recebidos.

Uma das formas de conhecer a inserção social dos indivíduos (*embeddedness*) em redes de relações formais e informais é observar a distância a que um ator está dos outros. Se dois indivíduos são adjacentes (estão ligados), a distância entre eles é de um (ou seja, basta um passo entre a fonte e o receptor). As distâncias existentes entre os membros de uma comunidade são importantes na compreensão das diferenças entre os indivíduos, pois permitem analisar que restrições e oportunidades resultam da posição que ocupam na estrutura social. Nas redes em análise observa-se uma forte inter-relação entre os membros das respectivas comunidades, com uma larga maioria a situar-se a uma distância média de 1 dos restantes membros. Em apenas dois casos (E6; E9) essa distância é de aproximadamente dois passos, o que significa que se trata de redes em geral constituídas por indivíduos cujas ações estão relativamente constrangidas. Com efeito, alguns dos jovens da amostra recolhida apresentam comunidades pessoais com níveis de *densidade* mais elevados, proporções superiores a 70% (n=8). Contudo, esta medida fornece resultados com um valor intermédio ambíguo porque apesar de várias redes terem o mesmo valor (a mesma densidade) apresentam marcadamente diferentes formas estruturais (Wellman, 1981). Estas inferências levaram a que se considerasse o grau médio de ligações (vértices) como medida mais fiável da conectividade de uma rede (Hanneman e Riddle, 2005). Assim, foi possível distinguir as redes dos indivíduos focais em três conjuntos segundo o grau médio. Cerca de 40% dos casos (n=8) têm uma dimensão média a variar entre 4 a 6 ligações, apontando para níveis baixos de coesão. Seis comunidades pessoais apresentam uma média de 7 a 11 ligações, representando um maior nível de conectividade. Por último, verificam-se quatro ego-redes mais coesas, com o grau de ligações médio a variar entre 15 e 21. Os jovens com comportamentos reiterados de desobediência aos adultos da escola são os que apresentam valores médios mais baixos (grau e densidade), o que indicia que as suas redes são pouco coesas.

Foram também analisados outros indicadores estruturais da coesão, como o número de *Clusters* numa rede e em que extensão esta tem uma figura central (Wellman, 1981). Passando de um nível mais egocêntrico para um nível mais sociocêntrico, procurou-se analisar os subgrupos existentes nas redes através da

observação de *Cliques*²². Esta análise revelou-se importante para testar a hipótese da semelhança de comportamentos (atitudes ou crenças) como resultado de influência ou persuasão de um grupo. Nesta acepção, pode-se verificar que as comunidades pessoais dos jovens se distribuem por três tipos de *grupabilidade*:

Tipos de Grupabilidade	Composição	Frequência de Cliques
Redes Particulares (1 tipo de relação)	Familiar (família)	14
	Amistosa (amigos e/ou colegas)	19
Redes articuladas/ agrupadas (2 tipos de relação)	Informal (família e amigos)	67
	Escolar (amigos e professores)	3
	Escolar-Familiar (família e professores)	3
	Residencial (família e vizinhos)	1
Redes mistas/ combinadas (3 tipos de relação)	Escolar-Familiar-Amistosa (família, amigos e professores)	11
	Residencial - Amistosa (família, amigos e vizinhos)	3
Total		121

Tabela 6. Frequência dos tipos de grupabilidade nas Cliques identificadas.

O tipo de *grupabilidade* que se designou por "Redes particulares" é unidimensional pois inclui apenas um tipo de relação estabelecida entre o ego e os seus *alters*. Com uma frequência de formação de *Cliques* significativa face às restantes composições, este tipo de *Cliques* é constituído só por amigos e/ou colegas da escola (n=19) ou só por familiares (n=14). Quando as redes incluem dois tipos de relacionamentos diferentes ("Redes articuladas/agrupadas") os familiares e os amigos permanecem na formação de uma grande parte de subgrupos, com 67 casos. Esta composição aponta para uma maior integração dos jovens em redes informais, que reúnem amigos e familiares num mesmo círculo social²³. As "Redes articuladas/agrupadas" de carácter escolar (n=3), escolar-familiar (n=3) e residencial (n=1) são muito menos frequentes, estando presentes apenas algumas das comunidades pessoais da amostra. O caso do jovem E1 é um exemplo

²² *Clique* é um termo originário da língua alemã e significa *malta, pessoal* ou (bras.) *turma*. Numa *Clique* cada par de atores tem uma relação adjacente, representando um subgrafo ou subconjunto de atores entre os quais existem relações diretas relativamente fortes ou intensas. Trata-se portanto de encontrar o grupo de atores mais próximos entre si do que em relação aos restantes, tendo em conta a densidade das relações (mutualidade).

²³ No caso do jovem E8 houve inclusive pais de amigos nomeados como família devido à proximidade ou "familiaridade" existente entre eles.

ilustrativo da maior preponderância de subgrupos unidimensionais ou que reúnem familiares e amigos:

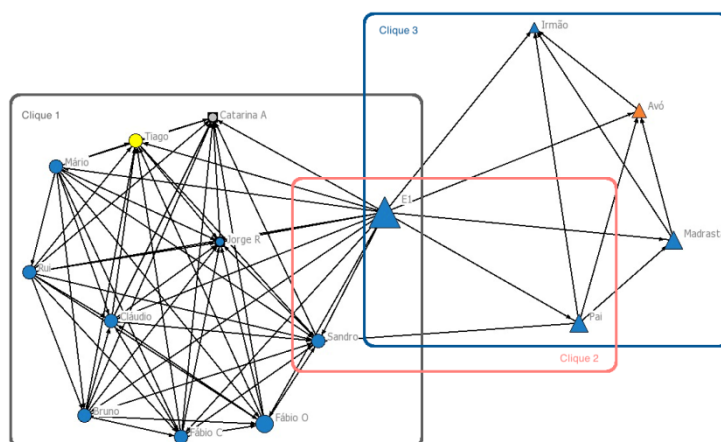


Figura 6. Exemplo de *Cliques* de caráter informal identificadas numa ego-rede (E1).

Por sua vez, as "Redes mistas/ combinadas" correspondem a casos em que as *Cliques* incluem três tipos de relações estabelecidas entre os membros e o indivíduo focal. Neste tipo de *grupabilidade*, a ligação entre familiares, amigos e professores ($n=11$) é muito mais frequente que a ligação entre amigos, familiares e vizinhos ($n=3$). Não obstante, pode-se verificar no exemplo abaixo a emergência de uma *Clique* Residencial-Amistosa. Como se pode constatar, a jovem E17 tem quatro subgrupos na sua comunidade pessoal: dois de tipo familiar-amistoso (articulado), um composto somente por relações de amizade (particular) e um de caráter residencial-amistoso (misto):

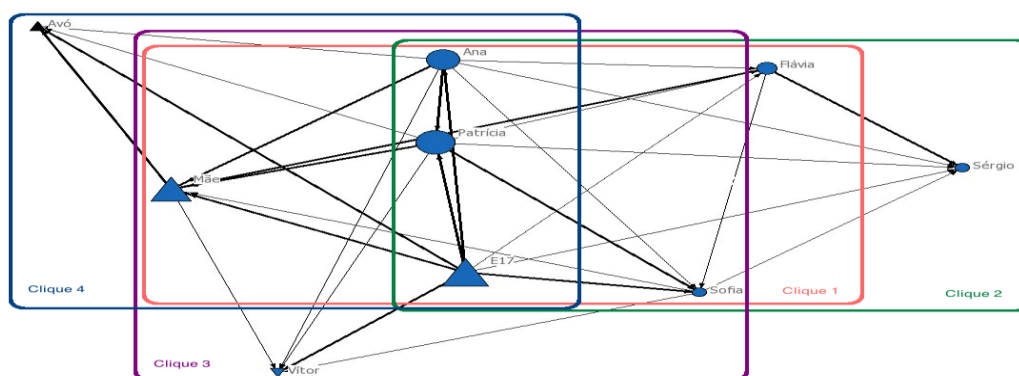


Figura 7. Exemplo de *Cliques* de caráter informal ou misto identificadas numa ego-rede (E17).

Considerando estas variações importou ainda observar o número de membros presentes nas *Cliques* identificadas para cada comunidade pessoal. Como seria

expectável, o número de *Cliques* decresce à medida que estas incluem mais membros:

	3 a 6	7 a 10	11 a 14	16 a 20	Total
Total	53	46	14	8	121

Tabela 7. Número de membros presentes nas *Cliques*.

Nos dados observados constata-se que há uma maioria de indivíduos focais cujas *Cliques* são compostas por 3 a 10 membros das suas comunidades (n=10). Este valor decresce à medida que os subgrupos incluem mais contactos, havendo quatro ego-redes com *Cliques* formadas por 3 a 14 membros e três com mais de 11 membros. Tendo em conta o total de subconjuntos verifica-se que sete jovens têm uma formação de 5 ou menos subgrupos nas suas comunidades pessoais, oito têm ao todo entre 6 a 9 *Cliques* e, em menor proporção, três das ego-redes geram mais de 10 subgrupos. Em consonância com as tendências anteriormente encontradas, os jovens com perturbações de comportamento são os têm maior frequência de *Cliques* alargadas, apontando novamente para uma maior integração e capacidade destes jovens na alteração das suas condutas.

A maioria das comunidades pessoais tem uma *Clique* central. Apenas em três casos se verifica um maior número de subgrupos centrais (E5, E11 e E14). Este padrão pode ser parcialmente explicado pela maior interdependência ou proximidade nas relações entre os membros destas comunidades pessoais, uma vez que em dois dos três casos as redes têm uma configuração interdependente (E5 e E11). Os jovens com comportamentos agressivos têm um maior número de *Cliques* centrais, com uma proporção significativa de nomeações recebidas. Em sentido inverso, estão os jovens que desrespeitam reiteradamente os colegas e/ou regras escolares. A identificação da centralidade dos subgrupos pode facilitar a análise dos comportamentos (atitudes ou crenças) dos jovens, na medida em que identifica que são os indivíduos que se encontram numa posição mais favorável para exercer pressão ou influência. Em consonância, os *alters* com maior centralidade nestas comunidades individuais poderão igualmente exercer uma influência direta sobre os comportamentos dos jovens. Interessou por isso identificar também quem são os indivíduos centrais para os egos e se há uma correspondência com o número de apoios concedidos.

Efetivamente, a centralidade do ator resulta da sua posição na rede de relações, constituindo por isso um atributo de natureza relacional ou estrutural. Medir a centralidade na análise dos apoios sociais implica observar como um indivíduo pode

controlar estruturalmente o fluxo dos recursos de apoio através da rede. Redes centralizadas ou descentralizadas podem facilitar certos tipos de recursos ou certos tipos de pessoas podem ocupar desproporcionalmente posições centrais, dominantes na rede (Wellman, 1981)²⁴. Assim, para aferir o grau de centralidade, a proximidade e a intermediação dos membros de cada comunidade pessoal, foi calculada a média, no sentido de obter dados comparativos das diversas redes em análise. Os indivíduos incluídos nas ego-redes apresentam um grau médio de centralidade relativamente elevado, com valores acima de 49. Estes dados apontam para presença de um conjunto significativo de membros das ego-redes com um alto grau de centralidade, o que se traduz em maior atividade no interior de cada comunidade pessoal. Por sua vez, ainda que as ego-redes em análise apresentem uma proximidade elevada (com valores médios acima de 68 graus), verifica-se que os valores médios de intermediação são relativamente baixos, sendo portanto constituídas por *alters* com maior capacidade de constrangimento relativamente aos restantes. Considerando estas tendências, revelou-se igualmente importante analisar a proporção de *alters* centrais e de apoiantes maioritários (*alters* que dão o maior número de apoios) nas várias *Cliques* ou subgrupos das ego-redes.

Assim, tendo em conta o número máximo de apoios recebidos pelos indivíduos focais, constata-se que uma larga maioria recebe todos os tipos de apoios de pelo menos um dos seus contactos (n=10). Quatro jovens recebem no máximo até quatro tipos de apoio de pelo menos um dos seus *alters* e os restantes quatro recebem até três tipos. Em termos globais há uma concentração tanto do apoio dado como da centralidade em 1 ou 2 membros das ego-redes. Este padrão aponta mais uma vez para a existência de relações próximas e fortes entre os jovens e um número reduzido dos seus contactos, com o mesmo *alter* frequentemente a ocupar a posição de indivíduo central e de apoiante maioritário. A correspondência entre o tipo de relação estabelecida pelos apoiantes e o tipo de relação estabelecida pelos *alters* centrais com o respetivo ego corrobora este resultado, uma vez que em oito casos o tipo de relações não difere. Verifica-se também uma preponderância de "Redes Particulares" (Familiares ou Amistosas), confirmando a tendência para a

²⁴ Em termos substantivos, as medidas de centralidade expressam: o nível de prestígio dos atores (liderança, popularidade), o seu nível de atividade na rede, a força ou fragilidade da reciprocidade entre relações, bem como a maior ou menor dependência entre os atores. Além do grau de centralidade (das relações diretas) a intermediação (*betweenness*) e a proximidade (*closeness*) constituem indicadores de centralidade indireta de uma rede, perfazendo os três tipos de análise da centralidade dos atores, cujos referenciais teóricos foram propostos e desenvolvidos por Freeman desde 1979 (Mizruchi, 2006).

formação de subgrupos cujas relações são unidimensionais, como se pode confirmar em seguida na tabela resumo desta análise:

Ego-Rede	N.º máximo de apoios recebidos	Apoiantes maioritários			Alter central		
		N	% nas Cliques	Tipo de Relação	N	% nas Cliques	Tipo de Relação
E1	3	3	100,0	Mista	1	66,7	Amistosa
E2	4	2	71,4	Amistosa	1	71,4	Amistosa
E3	5	2	60,0	Amistosa	1	100,0	Familiar
E4	4	2	28,6	Amistosa	1	85,7	Familiar
E5	5	1	86,7	Amistosa	2	86,7	Amistosa
E6	5	2	77,8	Amistosa	1	77,8	Amistosa
E7	5	1	100,0	Familiar	11	100,0	Mista
E8	5	2	100,0	Familiar	5	100,0	Mista
E9	3	1	42,9	Escolar	1	42,9	Amistosa
E10	5	2	50,0	Familiar	1	100,0	Familiar
E11	5	4	100,0	Mista	2	100,0	Mista
E12	3	1	63,6	Amistosa	1	90,9	Familiar
E13	3	2	100,0	Mista	1	100,0	Familiar
E14	4	1	66,7	Familiar	1	83,3	Familiar
E15	4	1	100,0	Familiar	2	100,0	Familiar
E16	5	1	83,3	Familiar	3	100,0	Mista
E17	5	2	100,0	Mista	2	100,0	Amistosa
E18	5	3	66,7	Familiar	1	75,0	Familiar
Média	4,3	1,8	77,6	-	2,1	87,8	-

Tabela 8. Proporção de *alters* apoiantes e/ou centrais nas *Cliques*.

A comparação da proporção de indivíduos centrais com a proporção de apoiantes maioritários²⁵ nas *Cliques* revelou três situações específicas. Uma excepcional, em que os apoiantes maioritários surgem em todos os subgrupos, mas o *alter* central não, traduzindo-se numa maior proporção de apoiantes do que pessoas centrais nas *Cliques* existentes (E1). Em dez casos há tantos apoiantes como *alters* centrais nos subgrupos formados, dos quais 6 estão representados em todas as *Cliques* das respetivas ego-redes (100%)²⁶. Por último, em sete casos os apoiantes estão menos representados comparativamente aos respetivos *alters* centrais. Ainda que se verifiquem situações de sobreposição, estes resultados apontam especialmente para um predomínio dos *alters* centrais sobre os apoiantes, constituindo por isso figuras de maior relevância nas interações que estabelecem com os jovens, na medida em que poderão ter maior impacto nos seus comportamentos. Nesse sentido, os indivíduos que ocupam uma posição central são figuras a considerar

²⁵ Considerando que pelo menos um dos apoiantes está incluído na *Clique*.

²⁶ A frequência de proporções iguais pode ser em parte explicada pela existência de 8 *alters* a ocupar tanto a posição de apoiantes como de figuras centrais.

numa eventual intervenção junto dos jovens, por terem maior capacidade de influência.

Notas Finais

A análise de ego-redes de jovens identificados com comportamentos transgressores em contexto escolar permitiu recolher e analisar dados únicos sobre a problemática da violência na escola, especialmente em termos do conhecimento dos padrões relacionais mantidos a nível informal, familiar e institucional. Esta breve análise permitiu identificar e conhecer alguns traços centrais deste fenómeno por três motivos principais. As comunidades pessoais analisadas revelaram uma tendência para a especialização e circunscrição das relações mantidas e, ainda que se tenha verificado uma baixa coesão, os jovens em análise recebem um forte apoio das suas ligações. A emergência de laços sociais fortes e intensos nestas redes demonstra a pertinência das relações significativas com outros (especialmente com amigos) para explicar a motivação para o comportamento transgressivo. Contudo, o peso dos mecanismos de controlo social nestas configurações sociais requer maior aprofundamento. Para se conhecer o contributo dos laços estabelecidos pelos jovens para a maior reincidência ou para a atenuação dos comportamentos, implicaria por exemplo saber se os elementos das redes têm práticas ou predisposições mais favoráveis ou menos favoráveis aos comportamentos transgressivos. Outro aspeto igualmente importante, a considerar em análises futuras, prende-se com a integração de jovens com comportamentos de maior conformidade (não transgressores), tanto para entender melhor as configurações existentes nestes grupos etários, como para se poder ter um termo comparativo mais abrangente. Não obstante, as tipologias encontradas constituem um primeiro passo e uma oportunidade para o desenvolvimento de pesquisas posteriores. Assim como a identificação dos indivíduos centrais a nível individual e grupal aponta para a importância deste tipo de análises pela possibilidade de contribuir para uma intervenção e acompanhamento dos jovens transgressores substantivamente mais informada e focalizada.

Bibliografia

Akers, Ronald (1998). *Social Learning and Social Structure: A General Theory of Crime and Deviance*. Boston: Northeastern University Press.

- Belloti, Elisa (2008). "What are friends for? Elective communities of single people". *Social Networks*. n.º 30, pp. 318-329.
- Bridges, George e Desmond, Scott (2000). "Deviance Theories" Em: Borgatta, Edgar e Montgomery, Rhonda (2000) *Encyclopedia of Sociology*. Macmillan Reference USA, pp. 662-674.
- Bruce, Steve e Yearley, Steven (2006). "Transgression" Em: Bruce, Steve e Yearley, Steven (2006), *The Sage Dictionary of Sociology*. London: Sage Publications, pp. 304-305.
- Carrabine, Eamonn, Cox, Pam, Lee, Maggy, Plummer, Ken e South, Nigel (2009) *Criminology: A Sociological Introduction*. New York: Routledge.
- Chua, Vincent, Madej, Julia e Wellman, Barry (2011). "Personal Communities: The World According to Me". Em: Carrington, Peter e Scott, John (eds.). *Handbook of Social Network Analysis*. Thousand Oaks: Sage, pp. 101-115.
- Cohen, Albert K. (1955). *Delinquent Boys: The Culture of the Gang*. New York: Free Press.
- Ferreira, Pedro M. (2000). "Controlo e identidade: a não conformidade durante a adolescência". *Sociologia, Problemas e Práticas*. n.º 33, pp. 55-85.
- Fischer, Claude (1982). *To Dwell Among Friends. Personal Networks in Town and City*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- Fischer, Claude (1995). "The Subcultural Theory of Urbanism: a twentieth-year assessment". *American Journal of Sociology*. Vol. 101, n.º 3, pp. 543-577.
- Gottfredson, Michael e Hirschi, Travis (1990). *A general theory of crime*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Haynie, Dana e Osgood, D. Wayne (2005). "Reconsidering Peers and Delinquency. How do Peers Matter?". *Social Forces*. Vol. 84, n.º 2, pp. 1109-1130
- Hanneman, Robert A. e Riddle, Mark (2005). "Introduction to Social Network Methods". Disponível (on-line) em: <http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/> Consulta [25-03-13]
- Hirsch, Barton J. (1981). "Social Networks and the coping process. Creating personal communities". Em: Gottlieb, Benjamin H. (ed.) *Social Networks and Social Support*. Beverly Hills e Londres: Sage Publications, pp. 149-170.
- Jenks, Chris. (2003). *Trangression*, London & New York: Routledge
- Matza, David (1964). *Delinquency and Drift*. New York: John Wiley and Sons, Inc.

- Miller, Walter. (1958). "Lower Class Culture as a Generating Milieu of Gang Delinquency". *Journal of Social Issues*. Vol. 14, n.º 3, pp. 5-20.
- Mizruchi, Mark S. (2006). "Análise de Redes Sociais: Avanços recentes e controvérsias atuais". *Revista de Administração de Empresas*. Vol. 46, n.º 3, pp. 72-86.
- Negreiros, Jorge (2001). *Delinquências Juvenis*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Santos, Félix Requena (1996). *Redes sociales y cuestionarios. Cuadernos Metodológicos. CIS, 18*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Sutherland, Edwin (1947). *Principles of Criminology*. 4th edition. Chicago: J.B. Lippincott Company.
- Tarde, Gabriel de (1903). *The laws of imitation*. New York: H. Holt and Company.
- Wellman, Barry (1981). "Applying network analysis to the study of support". Em: Gottlieb, Benjamin H. (ed.) *Social Networks and Social Support*. Beverly Hills e Londres: Sage Publications, pp. 171-200.
- Wolfgang, Marvin e Ferracuti, Franco (1967). *The subculture of violence: Towards an integrated theory in criminology*. London: Tavistock Publications.